

**IV PROJETAR 2009
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL
Outubro 2009**

EIXO: PROPOSIÇÃO

**Produção de arquiteturas e micro revoluções. Processos de
subjetivação em pesquisa, ensino e prática profissional**

Pasqualino Romano Magnavita

Arquiteto, Professor, Doutor, UFBA, Salvador/BA

pasqualinomagnavita@terra.com.br

Produção de arquiteturas e micro revoluções

Processos de subjetivação em pesquisa, ensino e prática profissional

Resumo

Palavras-chave: Produção / Subjetivação / Processo / Rede

Trata-se de texto estritamente **teórico/crítico** embasado na adoção de uma nova lógica e repertório conceitual e de uma diferente forma de pensar a produção de arquiteturas, e isso, enquanto multiplicidade e heterogeneidade de expressões. Atitude que afirma a superação e o distanciamento da forma de pensar herdada da Modernidade sob a égide da lógica binária e do modelo “arborescente” de pensar. São considerados três universos de conhecimento: o universo cósmico (espaço sideral); o Mundo da representação, do Real e do Possível, denominado também universo macro (molar); e o **universo micro** (molecular). O texto aborda, justamente, este último universo. Desta colocação emerge um conjunto de questões, as quais, consciente ou inconscientemente afetam a pesquisa, o ensino e a prática de projetar, e isso, no âmbito dos processos de subjetivação enquanto construção, fabricação, modelagem de subjetividades individuais e coletivas. Outras considerações de diferentes naturezas são evidenciadas e relacionam saberes, poderes (rede de micropoderes) e **processos de subjetivação**. Também, são referenciadas outras variáveis que caracterizam e incidem sobre as atividades acadêmicas e profissionais, a exemplo: a experiência empírica, a forma de pensar e a visão de mundo enquanto atitude ética de cada indivíduo ou de um grupo social. Considerações outras são formuladas sobre as práticas acadêmicas e nelas se evidencia a relevância dada aos saberes (conhecimentos) em detrimento das relações de poderes (redes de micro poderes) que perpassam os saberes, e isso, sob a equivocada bandeira da neutralidade dos saberes, o que de fato não ocorre. Omissão ainda maior em relação ao micro universo dos processos de subjetivação, ou seja, de micros ações que promovem mutações, no sentido de **micro revoluções** ou “revoluções moleculares” (Guattari). Face ao caráter complexo na análise da atual produção de arquiteturas, e do papel da mídia na modelagem da subjetividade dos jovens estudantes de arquitetura, procurar aproximar esta questão praticamente inexplorada em nossa área, admite-se a compreensão e o objetivo pedagógico desse enfoque e espera-se, no mínimo, num trabalho inicial desta natureza, promover indagações e subsequente interesse e discussão sobre esses processos de subjetivação.

Produccion de arquitecturas y micro revoluciones

Processos de subjetividad en investigacion, enseñanza y practica profesional

Resumen

Palabras – llave: Produccion / subjetividad / Processo / Red

Texto teórico/crítico con fundamentacion en nueva logica y repertorio conceptual de diferente forma de pensar la produccion de arquitecturas, y ese, nel sentido de multiplicidad y heterogeneidad de expreciones, atitud que afirma la superacion y distanciamento de la forma heredada de la Modernidad debajo la lógica binária y del modelo arborecente de pensar. Son considerados tres universo de conocimiento: el

universo cosmico (espacio sideral); el mundo de la representacion, del Real e del Possible, denominado tambien universo macro (molar); y el **universo micro** (molecular). El texto aborda, justamente, ese ultimo universo, De esa determinacion surge un conjunto de cuestiones, las cuales, conciente o inconcientemente afetan la investigacion, la ensenanza y la practica profesional en el ambito de los procesos de subjetividad, en el sentido de construccion, fabricacion, modelagen de subjetividades individuales y coletivas. Outras considerações de diferentes naturalezas son evidenciadas y relacionan conocimientos, poderes (red de micro poderes) e **procesos de subjetividad**. Tambien, son referenciados otras variables que caracterizan e inciden sobre de las actividades academica e profesionales, por exemplo: la expeienza empirica, la forma de pensar y la vision del mundo, como atitud etica individual o de grupo social. Outras consideraciones son apresentadas sobre las practicas academicas evidenciando la importancia de los conocimientos en detrimento de las relaciones de poderes (red de micro poderes) que atraviesan los conocimientos debajo la equivocada neutralidad de esos y que, todavia, non ocurre.. Omission todavia mayor en relacion a lo micro universo de los procesos de subjetividad, aquellos de micro acciones e que promoven mutaciones nel sentido de **micro revoluciones** o "revoluciones moleculares" (Guattari). Considerando el caracter complejo de la analise del atual produccion de arquitecturas y la funcion del mass-midia y la modelagem de la subjetividad que promove en los estudiantes de arquitectura, procurar acercar la question praticamente inexplorada en la nuetra area de conecimiento, es posible admitir la comprencion y lo objetivo pedagogico del enfoque del texto y se espera de um trabajo inicial de esa naturaleza, promover indagaciones y subsiguiente interese y discusion sobre los procesos de subjetividad.

The production of architectures and the micro revolutions

Subjective process in research, teaching and professional practice

Abstract

Key-words: Production/ Subjective Process/ Network

It is a strictly theoretical/ critical text, based on the adoption of a new logic, a new conceptual repertory and a different way to think the production of architectures, and this as multiplicity and heterogeneity of expressions. A position that surpasses the way of thinking inherited from the Modern Age under the banner of the binary logic. Three different universes of knowledge are considered; the cosmic universe (outer space); the World of the real and possible, also known as "macro universe"; and the "micro universe" (molecular). The text focus on this last universe. From this premise, questions arise, consciously or not, affecting the research, the teaching and the practice of designing. Other subjects of different nature are presented, linking knowledge, powers and the subjective process. Other factors which interfere in the academic and professional activities are introduced, pointing to the importance given to knowledge in contrast to the power relations that cross knowledge. It is perceived an even more crucial omission when it comes to the "micro universe", in what reffers to the "molecular revolutions" (Guattari). Due to the complexity of analysing the coeval production of architectures and the role of media in shaping young students, it is necessary to study this almost unexplored question in our area, and the the discussions that might arise from this research.

Produção de arquiteturas e micro revoluções

Processos de subjetivação em pesquisa, ensino e prática profissional

O Conflito não é mera dialética, mas um conflito real que corresponde no plano teórico, às batalhas práticas e cotidianas que se travam no interior dos novos mercados de trivialidades arquitetônicas, dos velhos establishments corporativos e da ambiciosa intelectualidade universitária.

Bernard Tschumi

Introdução

Trata-se de um texto estritamente **teórico/crítico** que parte do pressuposto da coexistência de três diferentes níveis de conhecimento: o espaço cósmico (sideral), o universo macro (molar) do Mundo da representação e o universo micro (molecular). Basicamente, a nossa experiência empírica se desenvolve com maior e real entendimento no universo fenomenológico macro do mundo da representação e, historicamente, tem-se identificado com a forma de pensar herdada da Modernidade. Forma esta constituída sob a égide da lógica binária (dialética) e do modelo “arborescente” de pensar (árvore/estrutura) ¹, privilegiando, assim, um conjunto de conceitos enquanto virtuais (incorporais) atualizados discursivamente no universo ontológico e epistemológico desse legado. Forma de pensar ainda hegemônica e coexistente com as emergentes e diferentes vertentes do pensamento contemporâneo.

Optando por um diferente nível teórico discursivo e considerando a produção de diferentes arquiteturas enquanto estratificações históricas (Estratos), duas formas de exterioridade são pressupostas: **formas de expressão**, o que se diz e formas de conteúdo, o que se vê, no caso específico, o que se diz e o que se faz na produção de arquiteturas. Estas Formas são de natureza heterogênea, pois, **não se identificam**, mas, apenas se **pressupõem reciprocamente**: “As palavras e as coisas”. O que se diz não habita no que se vê (Foucault). Portanto, teorizar a produção de arquiteturas, enquanto **Multiplicidade e Heterogeneidade** de formas de expressão consistem em dizer algo sobre o que se faz e o que se vê e ambas as formas se caracterizam por sua exterioridade no “mundo da representação”, ou seja, do Real e do Possível.

Vale salientar que essas formas de expressão e de conteúdo que traduzem variáveis sedimentações históricas e que se configuram em **Saberes**, enquanto formas de exterioridades, coexistem com outras duas variáveis que se caracterizam pela interioridade (invisibilidade) de suas ações. São elas as redes de **Micropoderes** (diagramas de forças que se exercem em uma determinada formação social e/ou contexto histórico) e a construção de **Subjetividades** individuais e coletivas. Variáveis estas enquanto elementos concretos embora invisíveis (lembrando Foucault, o poder não se vê, mas, faz ver e falar), elas perpassam os saberes de forma indissociável e possuem uma existência molecular que se traduz em fluxos de intensidade, ações, paixões, afetos, desejos e que, direta ou indiretamente, repercutem nas formulações teóricas (enunciados) e nas ações prática (obras).

Portanto, o que se diz e o que faz, e isso, com resultados repetitivos e/ou emergência de resultados criativos imprevisíveis, e isso, tanto nos pressupostos históricos e teóricos dos enunciados quanto nas práticas construtivas que se

efetuam. As diferentes teorias e histórias de arquiteturas e práticas urbanas constituem **Agenciamentos coletivos de enunciação** (enunciados produzidos socialmente) e pressupõem **Agenciamentos maquínicos**, ou seja, uma prática construtiva de edificações (projetos e técnicas).² Todavia, os processos de subjetivação, consciente ou inconscientemente, afetam as práticas de pesquisa, ensino e de projetar. A esta questão daremos a devida importância neste texto.

As diferentes teorias elaboradas historicamente, se referem à Arquitetura precedida do artigo definido “a” e isso, enquanto corpo disciplinar unitário e que se pressupõe manter e garantir sua Unidade, Identidade e Essência em seu entendimento e exercício, ou seja, **A** Arquitetura. O título do texto “Produção de arquiteturas” pressupõe o uso de dois importantes conceitos: **Multiplicidade e Heterogeneidade**, e isso, no sentido de afirmar a incomensurabilidade do universo de expressões arquitetônicas, diferentes pressupostos teóricos e metodológicos, temporalidade histórica diversas, contextos sociais e políticos heterogêneos, técnicas e práticas projetuais de diferentes graus e níveis e, também, de diferentes naturezas.

Considerando a crítica à ontologia moderna, a filosofia contemporânea salienta que não existem “**coisas em si**” enquanto “**essências**”, pois as coisas são relações, resultam de indeterminadas e imprevisíveis conexões, articulações que se configuram em processos dinâmicos da existência em permanente mutação. O importante “**princípio da incerteza**”, também conhecido como “Princípio da indeterminação”, de autoria do físico Werner Heisenberg, coloca em questionamento as limitações do mundo da representação e de seus saberes consolidados, a exemplo da mecânica clássica, introduzindo um entendimento paradigmático no universo micro, molecular, gerando o novo saber da microfísica (física quântica). Tal princípio, em seu entendimento no universo micro (molecular), vem afetando, hoje, de maneira indistinta a constituição de diferentes saberes, a exemplo da microeconomia, micropolítica, microsociologia, microhistória, microbiologia, entre outras áreas de conhecimento.

A crítica ao **essencialismo** tem sido uma das características do pensamento contemporâneo que se convencionou, impropriamente, denominar de **Pós-estruturalismo**, e isso, num entendimento binário de oposição ao pensamento Estruturalista enquanto expressão elaborada da Modernidade. Não se trata de oposição, pois, **Diferença** não é oposição, mas, coexistência com outras e diferentes formas de pensar. A Lógica da Diferença, também conhecida como **Lógica da Multiplicidade** e conjuntamente com um novo repertório conceitual, constitui um novo Plano de Imanência (filosófico), também, denominado pensamento rizomático, o qual aconteceu a partir das três últimas décadas do século XX e que, como opção e entendimento filosófico, vêm orientando a forma de pensar do autor deste texto. Não há, portanto, oposição ou rejeição ao pensamento binário à dialética enquanto instrumento construído e utilizado por séculos, mas, apenas o reconhecimento de sua limitação e alcance para o entendimento de universos que extrapolam o mundo da representação. Pois, não é negada a mecânica clássica e sua racionalidade, sua lógica, sua instrumentalidade dialética, todavia, são conhecidos os seus limites no universo macro da representação em relação à conquista da nano tecnologia, por exemplo.

Pergunta-se: esse entendimento molecular, micro, teria repercussão nos saberes arquitetônicos? Eis uma questão e um desafio que o presente texto procura se

aproximar e, todavia sem pretensões de total esclarecimento num ensaio apenas introdutório em nossa área de conhecimento. Para tanto, o texto tem por objetivo geral tecer considerações sobre o universo molecular, e isto, no sentido de **micro ações** relacionadas com “formações discursivas” (teorias) e com as práticas profissionais e que visam à elaboração de projetos arquitetônicos e técnicas construtivas. Ações essas moleculares presentes tanto na formação acadêmica quanto na experiência empírica singular de cada arquiteto e, ao mesmo tempo, a “**visão de mundo**” que se interioriza enquanto posicionamento **ético/estético**. Nesse sentido o texto procurará introduzir ao entendimento dos **processos de subjetivação** individual e coletiva e, também, como tais processos afetam a produção de arquiteturas enquanto fundamentação teórica e metodológica das pesquisas, do ensino e da elaboração de projetos arquitetônicos. E para tanto, torna-se necessário colocar algumas questões que resultam de um panorama complexo da produção de arquiteturas no atual mundo globalizado.

Consideração geral

Em decorrência do título do texto, torna-se necessário uma específica referência ao termo **revolução** e ao seu emprego enquanto micro revolução, ou revolução molecular, pois implica a noção de mudança, transformação. Considerando o princípio da indeterminação elas são imprevisíveis, constituem acontecimentos, criações, devires-outros da existência, pois, nunca se saberá o que se está criando, alguma coisa processual, antes mesmo de criá-la. A idéia de revolução se identifica com a idéia de processo. Trata-se de um processo que acarreta mutações no campo social e de forma inconsciente, pois, tal entendimento vai muito além do discurso que se queira formular A questão reside em como fazer com que esses processos de mutações se tornem singulares, criativos, articulando-os numa obra, num texto, numa arquitetura, num modo de vida consigo mesmo e com os outros, ou na invenção de espaços de vida e de liberdade de criação. Todavia, o micro processo revolucionário não tem só a ver com as relações sociais, pois, em nível da percepção e da prática são retomados por pessoas que percebem que algo mudou ou pode mudar Esses processos vão preservar sua vitalidade, seu caráter revolucionário num determinado campo social, numa determinada época e por um período determinado. Outros processos, outras revoluções aparecerão.

A revolução proposta por Thomas Kuhn relaciona-se mais diretamente com a revolução das estruturas científicas (ciências duras, ciências exata), enquanto mudança de paradigma, noção que pode ser estendida às diferentes áreas de conhecimento, ou seja, aos saberes do mundo da representação do universo macro. Entretanto, as revoluções moleculares possuem outro entendimento, outras referências, eles se caracterizam por sua interioridade, e se efetuam na invisibilidade de suas ações e, portanto, não são mensuráveis no sentido do espaço físico e do tempo cronométrico. Fluxos. Intensidades, desejos necessitam de conceitos de diferente natureza daqueles herdados da Modernidade, por exemplo: Multiplicidades em lugar de Unidade; Diferença, Heterogeneidade em lugar de Identidade; Conexões, Descontinuidade, Imprevisibilidade, Indeterminação Complexidade, Corpo sem órgãos (máquina desejante), respectivamente em lugar de Integração, Continuidade, Previsibilidade, Determinação, Simplicidade, Organismo.

Partindo do pressuposto que a criação constitui um imperativo categórico da condição humana, podemos afirmar que todos os seres são criativos, pois, esta

condição deve ser entendida no âmbito de dois conceitos: **Diferença e Repetição**. No sentido molecular, a criação pressupõe uma diferença, enquanto mutação, podendo ser apenas uma mudança de grau e/ou de nível em relação ao que existia antes e não propriamente, **mudança de natureza**. Nos comportamentos humanos (hábitos) ocorrem repetições, todavia, repetições não propriamente de natureza e quando isto ocorre nos encontramos frente à micro revoluções comportamentais.

Pensar e produzir arquiteturas pressupõe, geralmente, repetir os saberes e práticas já consolidadas com diferenças de grau e/ou nível. Exemplificando, as estruturas trilíticas fundamentaram as composições arquitetônicas durante séculos e foram repetidas à exaustão e sempre com diferenças de micro criações contidas no âmbito de diferenciações de escala, funções e repertório de ordens, detalhes. A emergência do **arco** e sua utilização na produção de arquiteturas deve ser considerada uma micro revolução, um acontecimento sem autoria, uma produção anônima e sem individuação, uma singularidade e do ponto de vista estrutural e perceptivo, revolucionando a produção de arquiteturas do passado. Do arco, outras micro revoluções se seguiram: a abóbada e a cúpula. A produção histórica de arquiteturas pode ser entendida considerando multiplicidade e heterogeneidade de micro contribuições anônimas, nômades, tendo presente os conceitos de Diferença e Repetição, pois, a produção de arquitetura vem se transformando no âmbito deste par conceitual. Neste sentido, os marcos paradigmáticos são poucos, ou seja, as mudanças de natureza são relacionadas com um complexo conjunto de transformações, sociais, científico/tecnológicas, políticas, culturais. O que ocorre, geralmente é a presença de lances criativos micro que se efetua na repetição e que, todavia, se diferenciam apenas em grau e/ou nível.

Diferentes considerações

1 - Vale salientar que as disciplinas formativas de História e Teoria e/ou teoria crítica de arquitetura ministradas nas academias, de regra, elas ainda detêm o denso legado conceitual dos historiadores e teóricos do “Movimento Moderno da Arquitetura”. Mesmo com as contribuições críticas aportadas entre as décadas 50 e 70, a forma ainda hegemônica de pensar a produção de arquiteturas, via de regra, continua sendo basicamente binária sob a égide do modelo arborescente. E isto, mesmo reconhecendo uma postura mais flexível, diacrônica e discursivamente competente. Todavia, tais contribuições (Venturi, Rossi, Tafuri entre outros), elas aportam diferenças de grau e de nível e não propriamente diferença de natureza, no entendimento teórico da forma de pensar a produção de arquiteturas. E isso, em presença de reduzido e disperso número de pessoas, núcleos e grupos de professores e pesquisadores que vem adotando diferentes formas de pensar com base em novas lógicas e repertórios conceituais. O ano de 1968 constitui uma data referencial enquanto acontecimento, ponto de inflexão do pensamento contemporâneo. Justamente, nesse “Platô” é que o autor tem procurado apoiar a sua base discursiva.

Tal pressuposto não invalida a forma de pensar binária que emana do universo macro do mundo da representação e que continua coexistindo, pois, torna-se ainda, inalienável nas práticas do cotidiano sob a égide do **Espaço** físico (da geometria euclidiana e não euclidiana do cyberspace) e da modalidade de **Tempo** linear (**Cronos**) - Passado Presente e Futuro, ambos mensuráveis. Práticas que nada tem a ver com as concepções contemporâneas de outra modalidade do Tempo (**Aion**),

do Instante e da Eternidade, ou mesmo do conceito de **Duração** (Memória), proposto por Bergson e relacionado com o paradoxo do Tempo por ele enunciado: “**O Passado coexiste com o Presente que passa**”.

2 - Que sentido teria a sugerida “**revolução molecular**” tratando-se da produção de arquiteturas relacionada com o ensino, pesquisa e prática profissional, no universo do Real e do Possível, da concretude, da dita **Realidade** como se costuma afirmar? A questão do micro universo vai além da apreensão e do entendimento desta Realidade pelo senso comum (doxa) e pelo consenso erudito (urdoxa). Trata-se de entendimento de diferente natureza, com base em outros pressupostos da dinâmica processual da invisibilidade, da virtualidade (**Virtual**) que se atualiza (**Atual**) em estados de coisas, corpos e vividos. A relação conceitual Virtual/Atual desempenha no universo micro um equivalente entendimento da relação Real/Possível no universo macro do mundo da representação e de sua exterioridade, visibilidade.

3 - As instituições de ensino, num entendimento mais amplo, são guardiãs de saberes, enquanto formas de expressão e de conteúdo, o que se diz e o que se vê, o que se faz, anteriormente referidas e se caracterizam pela exterioridade que comportam. Enquanto espaços confinados, essas instituições cumprem a função disciplinar estudada por Foucault enquanto dispositivos de poderes (micropoderes) exercidos de forma hierárquica (vertical) por docentes e discentes, e isso, através de micro ações que envolvem um conjunto de exigências pedagógicas, didáticas, metodológicas, propositivas e avaliativas, entretanto, indissociáveis dos saberes que cada docente ou discente conseguiu sedimentar na construção de seu território auto-referencial (construção subjetiva). E isso através da experiência empírica de cada um; da forma pensar, de regra, binária; e da visão de mundo enquanto atitude ética, questão esta variável e nem sempre externada, e isso, frente a uma realidade de conflitos e de enorme desigualdade social. Neste sentido, normalmente, predomina no âmbito das instituições de ensino, um clima de **neutralidade** em relação aos saberes e as tecnologias que lhes correspondem. Embora, hoje, já existe um entendimento bastante amplo que nada escapa ao campo gravitacional do poder (uma difusa rede de micropoderes). E sobre a explicitação dos processos de subjetivação nas instituições de ensino de arquitetura e o seu devido entendimento e importância, tal questão parece, ainda, colocada à margem de uma real preocupação e interesse.

4 – Considera o autor, um importante e esclarecedor pressuposto que supera a tradicional relação opositiva entre arte/ciência, pois, segundo os pensadores Gilles Deleuze e Félix Guattari, existem três formas de pensar e criar: São elas: a filosofia cria conceitos; a ciência cria funções; a arte cria percepções e afetos. Estas três formas se cruzam, se entrelaçam, todavia, sem síntese nem identificação não existindo dominância de nenhuma delas sobre as outras. Tais formas fazem do pensamento uma **Heterogênese**. Pensamento que atinge sua potencialidade maior onde o conceito se torna conceito de função ou de sensação; a função se torna função de conceito ou de sensação; a sensação se torna sensação de conceito ou de função. Vale salientar que na Modernidade, através do pensamento positivista, tendo a ciência como forma dominante de pensar e criar, tal fato, afetou profundamente os universos da arte e da filosofia que são também importantes formas de pensar e criar, pois, como se afirmou acima, pois considerando a plenitude da condição humana, não existe a dominância então pressuposta, embora ainda vigente no senso comum da mídia.

5 - Uma disciplina ministrada em qualquer instituição de ensino, ela funciona a guisa de uma “**Máquina abstrata**”, atualizando discursivamente um conjunto de conceitos (virtuais, incorporais), funções, percepções e afetos, ou seja, através de enunciados, proposições, estados de coisas, corpos e vividos. Essa atualização pressupõe uma forma de pensar (Plano de Imanência filosófico que abriga conceitos e pressupõe uma lógica). O Plano herdado do pensamento Clássico e reinterpretado pela Modernidade, expressa a forma de pensar arborescente anteriormente comentada com seu repertório conceitual ainda em uso (Unidade, Identidade, Ordem, Continuidade, Organismo etc.) sob a égide da dialética (lógica binária). São conceitos que perderam, em sua atualização discursiva, a hegemonia que desfrutavam em seu uso, frente aos conceitos tais como Multiplicidade, Diferença, Caos³, Descontinuidade, ruptura a-significante, Evolução a-paralela (não linear, antigenealogia), Corpo sem órgão, entre outros.

6 - Completando a conotação dada acima a uma disciplina, vale salientar que, dependendo da forma de pensar adotada, no caso do pensamento herdado da modernidade, ela pode funcionar com uma “**máquina abstrata, binária e axiomática**”, e isso, em decorrência da adoção da lógica binária e o modelo arborescente de pensar, incorporando um axioma que se aceita sem exigir a sua demonstração, pois se considera uma necessidade evidente por si mesma. Vale ressaltar a presença inalienável de um axioma que vem perpassando séculos e adotado por disciplinas em diferentes áreas de conhecimento e que tem fundamentado diferentes formações sociais a partir de algum momento da história, chama-se: **propriedade** (no sentido de posse). Tal pressuposto é tido também como fundamental nas sociedades contemporâneas (enquanto multiplicidade e heterogeneidades delas). Pressupõe-se que a geometria euclidiana teve sua origem como necessidade instrumental na demarcação de propriedades, de terras. Ele encontra-se presente nas práticas arquitetônicas e urbanísticas e também rurais. Trata-se da terra, daqueles que a possuem frente àqueles despossuídos, os “sem terra”, movimento que se soma aos “sem teto” e que, segundo os proprietários, são aqueles que ocupam, “invadem”, se apropriam “ilegalmente” de suas propriedade asseguradas por “Lei”. Axioma que no atual estágio do capitalismo, extrapola o sentido material de posse e vem se afirmando, também, como propriedade imaterial, simbólica.

7 - Para justificar esse axioma, contrapõe-se na forma de pensar binária a relação: **Espaço público x Espaço privado**. No estágio atual do capitalismo informacional, nas diferentes práticas sociais constata-se a progressiva privatização do espaço público em todos os sentidos, e isso, tanto na cidade quanto nas áreas rurais. Basta lembrar a especulação imobiliária em que a propriedade (um simples terreno é verticalmente multiplicado) e entra em conflito com espaço público disponível das vias de circulação, para abrigar a “proliferação viral” (expressão de Baudrillard) e dinâmica da ocupação dessas vias por veículos privados, os quais funcionam à guisa de mini-lotes em movimento (ocupação dinâmica, móvel). Neste texto não teria sentido deflagrar a bandeira em prol do espaço público alimentando uma radical utopia. Apenas nos limitamos em detectar um axioma que nas atuais práticas sociais continua inalienável e aceito sem discussão enquanto lógica do capital, pois, o sentido de propriedade extrapola sua simples materialidade enquanto mercadoria. Hoje, a propriedade se estende à bens imateriais, simbólicos, particularmente nos

universos da produção científica (patentes) e artística (artes plásticas, literatura, bens patrimoniais, turismo cultural, religiões, entre outras manifestações).

8 – Um currículo profissional pressupõe uma grade variável de disciplinas e resulta de uma codificação de teorias e práticas profissionais, identificadas, avaliadas, modificadas, apresentada por um grupo de especialistas na área, conjuntamente com membros escolhidos por organizações da sociedade civil (conselhos de instituições profissionais, patronais e sindicatos, bem como segmentos institucionais do Governo no âmbito do Ministério da Educação e do Ministério da Ciência e Tecnologia). Posteriormente essa codificação curricular é sobrecodificada e efetuada pelo Aparelho de Estado que sanciona leis e diretrizes e em função delas são implantadas e implementadas as diferentes práticas pelas instituições de ensino com base nesses pressupostos. Referimos-nos ao conceito Aparelho de Estado, todavia, nem sempre se tem discursivamente uma idéia clara e, quando um currículo profissional é sancionado, ele é um agenciamento efetuando os saberes hegemônicos:

*“(...) o aparelho de Estado é um agenciamento concreto que efetua a máquina de sobrecodificação de uma sociedade. Essa máquina, por sua vez, não é, portanto, o próprio Estado, é a máquina abstrata que organiza os enunciados dominantes e a ordem estabelecida de uma sociedade, **as línguas e os saberes dominante, as ações e sentimentos conformes, os segmentos que prevalecem sobre os outros.** A máquina abstrata assegura a homogeneização dos diferentes segmentos, sua conversibilidade, sua traduzibilidade, ela regula as passagens de uns nos outros, e sob que prevalência. Ela não depende do Estado, mas sua eficácia depende do Estado como do agenciamento que a efetua em um campo social” (Deleuze/ Parnet, 1998, p. 150). (grifo nosso)*

9 - Semelhantes questões apresentadas em um encontro como este, embora pertinente, não atende à expectativa geral do senso comum acadêmico, e isso, em decorrência de construções subjetivas individuais e coletivas de docentes e discentes serem induzidas e modeladas nos parâmetros e exigências do neo - capitalismo mundial integrado, o qual pressupõe ampliar o conformismo e a sujeição inconsciente. Entretanto, emergem no seio das instituições de ensino, em oposição às máquinas abstratas binárias e axiomáticas, as **“Máquinas de guerra”**. Trata-se de indivíduos e/ou grupos, em número ainda bastante reduzido e que não se deixam sobrecodificar pelas determinações consensualmente aceitas e não têm a guerra por objetivo, mas, se preocupam em criar novos entendimentos teóricos (conceitos, enunciados, proposições, lógicas) e novas práticas no exercício profissional em relação a uma realidade socialmente conflitante. Trata-se de ser performático, criativo, em lugar de apenas reproduzir conhecimentos consolidados, evitando ser apenas competente nessa reprodução e não aceitam os novos mercados de trivialidade arquitetônicas das grandes corporações especulativas urbanas.

10 - Considerando as três viáveis acima referidas e sendo as instituições de ensino dispositivos de micropoderes (públicos ou privados), via de regra, exaltam os saberes e se omitem de referir-se aos poderes e menos ainda aos processos inconscientes de subjetivação enquanto construção individual e/ou coletiva, processos esses de difícil incorporação consciente e/ou inconscientemente, tidos como necessários. Nas disciplinas de história de arquitetura, por exemplo, sob a égide da ideologia hegemônica do capitalismo informacional através de dispositivos

mediáticos que se dispõem, são comentadas e publicadas normalmente obras referenciais de grupos que se distinguem na rede de poderes dominantes, “arquiteturas régias”. Referimos-nos ao impacto que a produção de arquiteturas do **star system** internacional veiculado nas revistas, livros e eventos, afeta a formação subjetiva de jovens estudantes e arquitetos, e isso, tanto pela sedução que promovem em função das inovações formais e tecnológicas enquanto exemplares criteriosamente escolhidos e que sobressaem do complexo comum das edificações produzidas nos países de primeiro mundo e em seus domínios, quanto pelo nível de subjetividade em grau de velada sujeição que essa produção impõe e cujos modelos inspiram e se rebatem, particularmente, nos trabalhos finais de graduação – TFG. O desencanto normalmente ocorre depois quando se enfrenta o exercício profissional em uma sociedade extremamente competitiva e cuja composição social permanece de extrema desigualdade. A propósito, excepcionalmente, nas instituições de ensino, são feitas referências históricas, teóricas e críticas à produção de arquiteturas nômades, peregrinas, de etnias marginalizadas, de mercados informais, moradores de rua, assentamentos dos sem terra que resultam da implantação da Reforma Agrária e de assentamento indígenas. Mais do que história, teoria e crítica normalmente em uso, falta **um nomadologia** na produção de arquiteturas.

Processos de subjetivação

A inter-multidisciplinaridade tornou-se, hoje, uma inalienável exigência cultural, embora em algumas áreas de conhecimento ocorra ainda certa inércia nessa interação. Os saberes arquitetônicos indexados pelo CNPq no universo das Ciências Sociais Aplicadas, vêm interagindo com as Ciências da Terra, com as Ciências da Vida e com os diferentes saberes das ciências sociais: sociologia, economia, política, psicologia, entre outros. Todavia, em relação aos conhecimentos psicológicos, o interesse tem-se limitado à percepção visual, ou seja, apenas um indicador externo do mundo da representação em sua dimensão visível, macro, e pouca ou quase nenhuma preocupação em relação aos processos de subjetivação que se caracterizam por sua interioridade, invisibilidade e que nos transportam para o universo dos afetos e desejos. Não tem havido preocupação com essa questão que, diretamente e/ou indiretamente afeta as atividades de ensino, pesquisa e práticas profissionais.

A subjetividade enquanto produção (processo construtivo) não tem sido alvo de estudo na produção de arquiteturas, embora alguns problemas levem a considerá-la uma vez superada a clássica oposição Sujeito/Objeto e revisto o modelo de Inconsciente, ambos herdados do pensamento moderno. Cada vez mais emergem na atualidade fatores subjetivos, particularmente aqueles de natureza etológica e ecológica relativa à condição humana. Embora se tenha consciência que estes fatores tiveram importante lugar ao longo da história, hoje, com os processos midiáticos, percebe-se cada vez mais o aumento de reivindicações de singularidade subjetiva, pois, a exemplo da sociologia, das ciências econômicas, políticas e jurídicas no atual estado, vêm se demonstrando pouco preparadas para o entendimento desses processos. Todavia, vale observar que as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação, segundo Félix Guattari:

*“(...) operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio de suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes (...) as relações com o **espaço arquitetônico**, as relações econômicas, a co-gestão entre o doente e os responsáveis pelos*

*diferentes vetores de tratamento, a apreensão de todas as ocasiões de abertura para o exterior, a exploração processual das 'singularidades' dos acontecimentos, enfim tudo aquilo que pode contribuir para a criação de uma relação autêntica com o outro. A cada um desses componentes da instituição de tratamento corresponde uma **prática** necessária. Em outros termos, não se está mais diante de uma subjetividade dada como um em si, mas face a processos de atomização, ou de autopoiese (...) a definição mais englobante que eu proporia de subjetividade é ' **o conjunto de condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto referente, em adjacência ou relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva**'. (Guattari, 1993, p. 17-19) grifos nossos.*

Vale salientar que a subjetividade não é apenas construída através de fatores psigenéticos, mas, das grandes máquinas sociais (dispositivos, instituições, estudadas por Foucault, a escola entre eles), mas, hoje, principalmente, através das grandes máquinas sociais mass-midiáticas. A questão da fabricação de subjetividades não é uma razão de cientificidade, torna-se necessário, como sugere Guattari, fazer transitar nas ciências humanas e nas ciências sociais de paradigmas cientificistas para paradigmas ético-estéticos. Questão que nos coloca frente a uma escolha ética crucial. Ética aqui entendida como "visão de mundo" como política (não partidária) na direção de emancipação social, contra a sujeição (construção da subjetividade direcionada, controlada. Controle que visa a produção do consumo com base na espetacularização da vida e, nesse entremeio, a arquitetura, assim como outras áreas de conhecimento, está aderindo aos pressupostos e exigências das atuais "Sociedades de Controle").⁴ Nelas, o capital financeiro (virtual) ocupa-se da sujeição econômica enquanto a cultura (e nela a produção de arquiteturas) se ocupa da construção da subjetividade, enquanto sujeição produzida por agenciamentos de enunciação, a guisa de máquinas de expressão que podem ser:

"(...) tanto de natureza extrapessoal, extra-individual, sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, de mídia, quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagem e valor, modos de memorização e de produção de idéias, sistemas de inibição e de automatismo, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos e assim por diante)". (Guattari, 2005, p. 39).

Portanto, a subjetividade enquanto construída, modelada, "encontra-se em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos; ela é essencialmente social e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares" (Idem, p. 42). Contudo, esse controle social, através da produção de subjetividade em escala global, planetária, encontra e se choca com fatores de resistência consideráveis, que consistem em processos de diferenciação permanente não apenas contra os processos de serialização e de homogeneização da subjetivação, mas também de produzir modos de subjetivação originais, singulares, criativos e que Guattari denomina de "**revolução molecular**" e que denominei de **micro revoluções** a esses processos de singularização subjetiva, a exemplo de mutações na subjetividade consciente e inconsciente dos indivíduos ou grupos sociais.

Vale salientar que o alcance dos espaços construídos vai muito além de suas configurações visíveis, ou seja, de suas estruturas e das funções que desempenham, pois, tais espaços:

“(...) São essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas (...) máquinas portadoras de universos incorporais que não são, todavia Universais, mas podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma re-singularização libertadora da subjetividade individual e coletiva. (...) Toda a história deste fim de milênio nos mostra uma proliferação extraordinária dos componentes subjetivos, tanto para melhor quanto para o pior. (...) O mundo não muda mais de dez em dez anos, mas de ano em ano. Neste contexto, a programação arquitetônica e urbanística parece caminhar a passos de dinossauros. Assim um arquiteto escrupuloso seria condenado a permanecer de braços cruzados face à complexidade das questões que o assolam?” (Guattari, ibidem, p. 158).

Lewis Mumford, renomado historiador e sociólogo, considerou as cidades megamáquinas. Igualmente, LeCorbusier usou a expressão máquina em relação à habitação: “máquina de morar”. Todavia, deve-se ampliar este conceito de máquina, e isso, para além de seus aspectos estritamente técnicos herdados da mecânica clássica para incorporar outras dimensões: econômicas, ecológicas, abstratas e, também, “**máquinas desejanter**”, as quais povoam nossas pulsões inconscientes. Dimensões que podem ser como peças das engrenagens, sejam elas arquiteturais ou urbanísticas, até em seus menores subconjuntos, pois, devem se consideradas componentes maquínicos enquanto produtores de subjetividade. Neste sentido, vale insistir que a consistência de uma edificação não é apenas de natureza material, pois, ela envolve dimensões maquínicas e universos incorporais que lhe atribuem sua auto-consistência subjetiva, enquanto **subjetividade parcial**, focos de subjetivação: a cidade, o bairro, a rua, a casa ou o prédio, a porta, a sala, o corredor, o banheiro entre outros enfoques. Então não se poderá mais falar de sujeito em geral como de regra se faz, enquanto uma enunciação individuada, mas de componentes parciais e heterogêneos de subjetivação, ou melhor, dizendo, de **Agenciamentos coletivos** de enunciação que implicam multiplicidades humanas, mas também devires animais, vegetais, maquínicos, incorporais, infra-pessoais, pois, tudo se reduz aos focos de enunciação parcial, da heterogeneidade dos componentes e dos processos de re-singularização.

Vale salientar que o uso do termo agenciamento refere-se à “noção mais ampla do que estrutura (sistema fechado), forma, processo, montagem. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de origem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária” Talvez seja esse o caminho que os arquitetos deveriam trilhar, pois, os componentes estéticos trazidos pelos arquitetos enquanto criadores podem-se tornar elementos importantes no interior de ações com muitas exigências funcionais, econômicas e materiais, de meio ambiente que constituem a relação objeto-sujeito arquitetural. Componentes estéticos que, enquanto visão de mundo, colocam em pauta atitudes de natureza ética, ou seja, discernimento, posicionamento em relação à condição humana e suas diferentes relações.

A produção de arquiteturas no universo da arte em sua especificidade de pensar e criar, se entrelaça e se cruza com a filosofia e a ciência, as quais entram no “bloco de sensações” dessa produção, enquanto arte embora não a determinam. Todavia, tal produção continua sendo refém dos processos e entendimento da fenomenologia, enquanto percepção, com ênfase na percepção visual, e isso, no âmbito da psicologia da forma (gestalt) e da psicologia em geral herdada da Modernidade, a qual tem como fundamento a relação sujeito/objeto e a intencionalidade do sujeito que percebe. As formulações de Heidegger e, particularmente, de Merleau Ponty, confirmam esta preocupação do Ser ontológico.

Contudo, o “Ser” ontológico enquanto sujeito nesse entendimento fenomenológico, é sempre considerado um ser universal e o objeto, qualquer um, também, genérico e, ambos, sem nenhuma contextualização histórica e social. Foi Foucault, um dos pensadores na fase inicial do que chamamos contemporaneidade que procurou contestar essa vertente fenomenológica moderna. O “ser” ontológico, enquanto sujeito, é de fato um **Ser social**, inserido num contexto específico onde é afetado e afeta, encontrando-se imerso em processos de subjetivação, em fluxo de micropoderes que o arrastam e o submetem socialmente, sujeitando-o ou não aos poderes dominantes. De fato, torna-se necessário pressupor multiplicidade e heterogeneidade de construções subjetivas e, igualmente, uma incomensurável gama mutante de objetos e configurações espaciais que repercutem em nível de subjetivações parciais.

Na formação profissional de arquitetos enquanto uma “multidão” deles, no sentido de um agregado informal de indivíduos com heranças genéticas, *status* social e experiências empíricas diversificadas, enquanto docentes e discentes, o oferecimento de disciplinas enquanto saberes, normalmente, se limita à gramática e às configurações da psicologia da forma, longe, portanto, das questões relacionadas com o inconsciente, as subjetividades e as práticas da psicanálise, a qual vem sendo por sua vez contestada pela esquizoanálise. A questão não se deve reduzir a exigência da forma (intenção plástica defendida por Lúcio Costa) que, de fato, diferencia a produção de arquiteturas de meras construções. A respeito, é oportuno lembrar que entorno de 95% das edificações em nosso país não são projetadas por arquitetos, são apenas construções. No mundo globalizado e, particularmente em nosso país, a produção de arquiteturas, com raras exceções, consiste em Repetições com Diferenças de grau e/ou nível e, normalmente, destinadas aos que “lucram” em diferentes atividades (bancos, especulação imobiliária, condomínios fechados, comércio, indústria, turismo, escritórios, residências de alto padrão, entre outras edificações). Mesmo as instituições de ensino público, as quais deveriam com afinco dedicar-se à produção de arquiteturas de interesse social, não o fazem, e isso, considerando as tímidas iniciativas voltadas para essa preocupação.

A recente Lei (de autoria do deputado federal Zezeu Ribeiro), já sancionada, porém, ainda não regulamentada, visando à criação de uma rede de escritórios técnicos de interesse social em atendimento às populações de baixa renda, vem muito lentamente sendo absorvida pelas instituições públicas de ensino e organizações governamentais, abrindo, assim, um vasto campo de atividades profissionais para jovens arquitetos, considerando a desigual composição social em nosso país. A questão, portanto, independente da forma de pensar que pode ser binária ou de outra natureza, reside na opção que se faz enquanto **visão de mundo**. Para muitos arquitetos, esta visão fica comprometida considerando a questão de sobrevivência existencial, pois, nem sempre se trata de uma voluntária adesão a um complexo contexto de natureza social, econômico, político e cultural e cujas formas de cooptação e sedução estão sempre presentes, particularmente num momento como esse que o **desemprego** generalizado afeta a prática profissional dos arquitetos e basicamente da grande maioria das profissões.

Questão como esta ronda a guisa de um fantasma para os saem das instituições de ensino e entram no mercado de trabalho e acabam, involuntariamente, formando um “exército de reserva” socialmente angustiante. Questão não pertinente propriamente

às instituições de ensino e que, todavia, repercute na construção subjetiva da grande maioria de estudantes que visam uma atividade profissional ao terminar o curso. A questão afeta, também, aqueles arquitetos inseridos no mercado de trabalho e que acabam engrossando a multidão de desempregados. Pois como se afirmou anteriormente, não há neutralidade nas práticas sociais, pois, se trata de um jogo desigual de forças, de poderes e que pressupõem contrapoderes, embora as formas de resistência em uma determinada situação, necessitam de micro ações, as quais acabam funcionando a guisa de micro revoluções moleculares fomentando as necessárias mutações.

O paradigma ético/estético vem sendo uma conquista do pensamento contemporâneo que, de certa maneira, coloca fora de foco a herança da modernidade da arte pela arte, da arquitetura pela arquitetura. Não estamos nos referindo à autonomia da arte enquanto forma específica de pensar e criar, mas como esta forma pode contribuir não para o estabelecimento de formas de controle, de sujeição, mas de emancipação. Ética entendida não como cumprimento de normas e procedimentos conformes e preceitos de moralidade estabelecidos e consensuais, mas um devir-outro da existência, pautado em “máquinas desejanter” que ofereçam resistência a determinados formas de controle e de direcionamento das atividades relacionadas com a nossa área de conhecimento. Normalmente, a produção de arquiteturas veiculadas pelos dispositivos midiáticos, refere-se àquela produzida para grupos sociais hegemônicos, “arquiteturas régias” e que também ilustram as diferentes versões de histórias de arquiteturas ou de publicações de teoria e crítica veiculada pela mídia. Anteriormente, constatamos a falta de uma nomadologia na abordagem histórica da produção de arquiteturas.

Considerações finais

O texto embora conceitual e crítico deva ser entendido como um breve ensaio sobre uma questão, a qual, embora importante, tem recebido pouca atenção em nossa área de conhecimento. Nas instituições de ensino e pesquisa, apenas os saberes arquitetônicos do universo macro sob a égide de uma suposta neutralidade, são efetivamente considerados, enquanto as relações de micropoderes e aos processos de subjetivação, de um modo geral, ficam arquivados no inconsciente coletivo de docentes e discentes. E isto, tanto em decorrência da sujeição e aceitação dos pressupostos de uma cultura dominante sob a égide da atual fase do capitalismo informacional, quanto em função das contradições e conflitos que este próprio sistema econômico, social, político e cultural comporta.

As diferentes considerações e inferências aportadas ao longo do texto têm o objetivo de mostrar a complexidade e implicações que as diferentes variáveis analisadas afetam as atividades de pesquisa, ensino e de projetar, pois, elas dependem da experiência empírica de cada docente e discente, da forma de pensar e da visão de mundo (ética) por eles adotada. Tratando-se de produção de arquiteturas que se situa no universo da arte e, portanto, emerge a questão estética a qual, por sua vez, passou a ser indissociável de uma atitude ética. O novo paradigma ético/estético passa a ser uma exigência para aqueles que consideram importante que a produção de arquiteturas seja entendida como “prática da liberdade” voltada para a desejável emancipação social.

Do exposto, evidentemente não acreditamos na Revolução que tanto perseguiu os utópicos modernos em seu sentido radical e global nas mutações sociais. Outra coisa vem sendo articular um entendimento de revoluções no sentido de multiplicidades e heterogeneidades delas, e isso, em nível micro enquanto individuações sem sujeito, singularidades, acontecimento, criação, evitando, assim, a lógica dualista, que coloca alternativas excludentes entre: macro revolução *versus* micro revoluções. De fato, as revoluções pertencem ao universo micro, são revoluções moleculares que se confirmam em processos de mutação contínua em que as coisas enquanto relações e conexões se repetem diferenciando-se, são micro diferenciações, geralmente de grau e/ou de nível e, imprevisivelmente ocorrem diferenças de natureza.

No sentido pedagógico, o texto procurou introduzir uma questão que poderá ter uma importância no entendimento dos processos de ensino, pesquisa e atividades profissionais. Trata-se de uma abordagem inicial e que merece um aprofundamento subsequente.

BIBLIOGRAFIA

CANEVACCI, Massimo - Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das Metrópoles, Rio de Janeiro, DP& A, tradução de Alba Olmi, 2005.

EISENMAN, Peter - Codex, The City of Culture of Galicia, N.Y. The Monacelli, Press, 2005.

FOUCAULT, Michel - As palavras e as coisas, uma arqueologia das ciências humanas, São Paulo, Martins Fontes, 1999.

-----Vigiar e Punir: o nascimento da prisão, Petrópolis, Vozes, 1987.

GUATTARI, Felix – Revolução Molecular, pulsações políticas do desejo, São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

KOOLHAAS, Rem – Conversa com estudantes, Barcelona, Ed., Gustavo Gili, 2002.

KUHN, Thomas S ----The structure of scientific revolutions, Chicago, University of Chicago Press, 1970.

LYNN, Greg – Folde, Bodies, Blobs, Bruxelles, ed. La etre Volèe, 2005.

MERLEAU-PONTY – O visível e o invisível, São Paulo, ed. Perspectiva, 1992.

-----Fenomenologia da Percepção, São Paulo, ed. Martins Fontes, 1999.

SANTOS, Milton – A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção, São Paulo, Editora Hucitec, 1997.

SOLÁ-MORALES, Ignazi de - Diferencias: topografia dela arquitectura. contemporânea, Barcelona, Editora Gustavo Gili, 2002.

TSCHUMI, Bernard – Architecture and Disjunction, Cambridge, MIT/Press, 1994.

_____ Events-Cities 3 Concept vs. Context vs. Content, Cambridge, MIT Press, 2004.

VIRILIO, Paul – O Espaço Crítico e as Perspectiva do Tempo Real, Rio de Janeiro, editora 34, 1995.

Notas

¹ Alguns pensadores fazem uma analogia entre a forma de pensar herdada da filosofia clássica e moderna com árvore, e isto, em decorrência da utilização de um conjunto de conceito e/ou pares de conceitos (Virtuais) que se atualizam discursivamente e de forma genérica na configuração de uma árvore, pois, ao pensá-la se atribui alguns conceitos tidos como fundamentais na forma de pensar: a árvore tem **Princípio** (origem, nascimento) e **Fim** (morte); possui **Unidade** e **Identidade** em sua forma, **Estrutura** e **Hierarquia** de suas partes, pressupondo uma organização (**Organismo**), Ordem, **Continuidade**, **Evolução** (linear), sem ruptura, uma **Genealogia** (Reprodução, filiação). São conceitos como estes que basicamente orientam o pensamento dito arborescente.

² O que Foucault denominou de **micropoderes**, Deleuze e Guatarri nomeiam de **Agenciamentos**, ambos os termos no sentido amplo de **micropolíticas**.

³ **Caos**, no novo repertório conceitual, não é entendido no sentido de desordem, mas, lugar onde o pensamento enfrenta a infinitude, lugar de todas as formas, de todas as partículas, “oceano da dessemelhança”, da criação,

⁴ Ver o pós-scriptum de **Conversações** de Gilles Deleuze, 2000, p.219, texto que se referindo aos dispositivos de controle, evidenciando o momento atual, o qual possui outra natureza dos dispositivos estudados por Foucault.